

AS BASES ONTOLÓGICAS DO PENSAMENTO E DA ATIVIDADE DO HOMEM – LUKÁCS, PRESENTE!

The ontological basis of thought and of men's activity – Lukács, present!

Resenha de: LUKÁCS, G. *As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem*. Temas de Ciências Humanas, tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, n. 4, p. 1-20, 1978.

Leonardo Carlos de Andrade*

* Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Goiano (IFGoiano). Mestre em Educação Física na linha de estudos Pedagógicos e Socioculturais pela Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás. Graduação em Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal de Goiás e graduação em Educação Física Bacharelado pela Universidade Estácio de Sá. Professor convidado na Pós-graduação em Educação e Direitos Humanos da UFCAT e orientador no curso de Pós-graduação em Movimento Humano da UEG.

Esta resenha tem como objeto o texto “As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem”, redigido por Georg Lukács como base para o Congresso Filosófico Mundial realizado em Viena. Infelizmente Lukács não pôde comparecer ao evento e apresentar suas sínteses, mas nos presenteou com este texto que possui formulações iniciais sobre a ontologia do ser social, que viria a ser sua grande obra. Georg Lukács, é um dos maiores intelectuais marxistas da história, sendo o mais influente do século XX.

Nesta obra Lukács discute sobre a ontologia assumindo uma dupla responsabilidade, primeiro em compreender os condicionantes concretos das noções de ontologia até aquele tempo, e em segundo compreender a própria noção (concreta) de uma nova ontologia. Para Lukács o neopositivismo assume a hegemonia no ano de 1969 dando início a uma concepção que influencia não só o mundo da filosofia, mas o mundo da práxis. Lukács (1978) afirmava que conscientemente ou inconscientemente, as dimensões políticas, econômicas, militares de trabalho, carregam a concepção inabalável do capital.

Talvez Lukács hoje, em tempos de intensificação do neoliberalismo, ficaria surpreso ao ver que além das *Torres de marfim* edificadas pelo pragmatismo positivista, encontramos *Torres de Argila*, construídas pelo espírito flexível e modelável do pós-modernismo. Nessas mesmas contradições, de uma verdadeira destruição da razão, o neoliberalismo ora se apoia no neopositivismo pragmático negando a ontologia, ora se apoia no pós-modernismo das micronarrativas, destruindo (ou tentando destruir) a centralidade do trabalho.

No texto de Lukács (1978), vemos uma crítica às velhas tendências de ontologia, ao exemplo dos apontamentos sobre as interpretações problemáticas de Sartre acerca da natureza materialista da humanidade. Por supressão, Lukács aponta a importância do marxismo para essa análise, pois na própria obra de Marx existe um delineamento de uma ontologia histórica e materialista. No tocante, Lukács ainda olha mais de perto a teoria marxiana apontando que Hegel foi fundamental para edificar as bases ontológicas do pensamento marxista.

Para Lukács (1978), Hegel concebeu a seu modo uma ontologia pela razão, em contraste com a ontologia religiosa, partindo da história e tomando o caminho de "baixo", dos elementos mais primários, elaborando seguidamente uma história evolutiva que culminava no "alto", nas objetivações mais complexas do gênero humano. Em outras palavras, o homem aparece em Hegel como criador de si mesmo, estaria ali a gênese do ser social desenvolvido na dialética marxista? Bom, essa inquietação surge em Lukács (1978), e por isso acreditamos que a compreensão da gênese de seu

pensamento é indispensável para entender suas sínteses mais elaboradas na “grande” ontologia e “pequena” ontologia.

No final do tópico 1, Lukács (1978) inicia um esboço para uma nova ontologia, debatendo com as acepções de concreto e abstrato em Marx e Hegel. Segundo o autor, Marx, incorpora os pressupostos Hegelianos por superação dialética, afastando tudo aquilo de âmbito idealista, confrontando a lógica do processo histórico, que não parte da cabeça dos homens, mas sim sob seus próprios pés, na realidade. De modo algum, Marx estava desconsiderando a consciência e a teleologia, pelo contrário, para ele o concreto da ontologia é “algo que é ou que se torna, mas sim como formas moventes e movidas da própria matéria”, portanto as categorias não surgem na consciência por acaso, estas são “formas do existir, determinações da existência” (LUKÁCS, 1978, p.3).

Ao se tratar estritamente da concepção de ontologia, Lukács (1978) assevera que é fundamental a compreensão de *ser social*, suplantada na natureza orgânica, conforme elucidou Marx na dialética entre homem-natureza. Entre uma forma mais simples de ser (social) e o nascimento real de uma forma, mais complexa, com mediações mais numerosas, verifica-se sempre um salto; essa forma mais complexa é algo qualitativamente novo, cuja gênese não pode jamais ser simplesmente “deduzida” da forma mais simples.

Esse salto qualitativo, que cada vez mais se complexifica, de forma a distanciar cada vez mais o homem da dimensão estritamente natural e o torna cada vez mais social, isso é explicado por Lukács munido da categoria central de Marx, o trabalho. Para Lukács (1978) o momento essencialmente separatório é constituído não pela fabricação de produtos, mas pelo papel da consciência, a qual, precisamente aqui, deixa de ser mero epifenômeno da reprodução biológica: o produto, diz Marx, é um resultado que no início do processo existia “já na representação do trabalhador”, isto é, de modo ideal. Desse modo emana o papel fundamental da consciência na dialética natureza orgânica e humana.

O homem torna-se um ser que dá respostas precisamente na medida em que - paralelamente ao desenvolvimento social e em proporção crescente - ele generaliza, transformando em perguntas seus próprios carecimentos e suas possibilidades de satisfazê-los; e quando, em sua resposta ao carecimento que a provoca, funda e enriquece a própria atividade com tais mediações, freqüentemente bastante articuladas. De modo que não apenas a resposta, mas também a pergunta é um produto imediato da consciência que guia a atividade” (LUKÁCS, 1978, p. 5)

A consciência apesar de fundamental no ato do trabalho, só é exigida diante de uma necessidade de ordem concreta, que move céus e terras para a busca de suas satisfações. Todavia,

para atingir tal finalidade são necessárias mediações, de inúmeras ordens, as quais transformam ininterruptamente tanto a natureza que circunda a sociedade, quanto os homens que nela atuam. O homem precisa dessas mediações para realizar suas ações, e quando toma essas mediações para si, ele põe-se em um processo de desenvolvimento das próprias capacidades no sentido de níveis cada vez mais altos.

Ainda complementa Lukács (1978, p. 6) que o “mundo circundante é transformado de maneira consciente e ativa” devido a adaptação intencional, portanto ativa do homem “o trabalho torna-se não simplesmente um fato no qual se expressa a nova peculiaridade do ser social, mas, ao contrário - precisamente no plano ontológico -, converte-se no modelo da nova forma do ser em seu conjunto”. Nessa guisa, Lukács apresenta uma compreensão dialética do ser-em-si, ser-em-nós e do dever-ser, acreditando que a formação humana está em constante processo.

Um duplo caráter é existente, pois ao tempo que, tomando as forças da natureza (orgânica e humana), assume uma adaptação ativa (teleologicamente falando), ele também é refém da causalidade, das condições objetivas que não são possíveis de modificação. Lukács (1978, p.7) enuncia que “Marx delineia corretamente essa condição, dizendo que os homens são impelidos pelas circunstâncias a agir de determinado modo "sob pena de se arruinarem””.

Sobre o trabalho, Lukács (1978, p. 09) aponta:

O trabalho é um ato de pôr consciente e, portanto, pressupõe um conhecimento concreto, ainda que jamais perfeito, de determinadas finalidades e de determinados meios. Vimos que o desenvolvimento, o aperfeiçoamento do trabalho é uma de suas características ontológicas; disso resulta que, ao se constituir, o trabalho chama à vida. produtos sociais de ordem mais elevada.

Para o autor, uma contradição que acontece na sociedade capitalista é a separação entre conhecimento, finalidades e os meios. A separação - sempre relativa - que, no próprio trabalho concreto, tem lugar entre o conhecimento, por um lado, e, por outro, as finalidades e os meios. A matemática, a geometria, a física, a química etc., eram originariamente partes, momentos desse processo preparatório do trabalho. Para o autor, quanto mais o conhecimento dos diferentes campos se desenvolve, mais contribuições serão dadas ao trabalho (em tese, pois na sociedade capitalista não ocorre).

Quanto mais universais e autônomas se tornam essas ciências, tanto mais universal e perfeito torna-se por sua vez o trabalho; quanto mais elas crescem, se intensificam etc., tanto maior se torna a influência dos conhecimentos assim obtidos sobre as finalidades e os meios de efetivação do trabalho. (LUKÁCS, 1978, p.10)

Lukács (1978) nos chama a atenção que diante dessa fragmentação devemos lutar por uma nova sociedade, onde o conhecimento, a finalidade e os meios não se separem. Já que um determinado trabalho (por mais que, possa ser diferenciada a divisão do trabalho que o caracteriza) pode ter apenas uma única finalidade principal unitária, torna-se necessário encontrar meios que garantam essa unitariedade finalística na preparação e na execução do trabalho. Por isso, essas novas posições teleológicas devem entrar em ação no mesmo momento em que surge a divisão do trabalho; e continuam a ser, mesmo posteriormente, um meio indispensável em todo trabalho que se funda sobre a divisão do trabalho.

No final do tópico 2, Lukács (1978) evidencia que com a diferenciação social de nível superior, com o nascimento das classes com interesses antagônicos, esse tipo de posição teleológica torna-se a base espiritual-estruturante do que o marxismo chama de ideologia. Em outras palavras, nos conflitos oriundos das contradições das produções mais desenvolvidas, a ideologia produz ao mesmo tempo alienação e as formas através das quais os homens tornam-se conscientes dessas contradições, e pela consciência se inserem na luta revolucionária.

Lukács (1978) inicia o tópico 3 demonstrando o interesse de dialogar com o público da conferência que motivou a escrito do texto. Aos calorosos lukácsianos, indicamos os primeiros parágrafos deste tópico que demonstra o domínio conceitual do autor, que só perde em grandeza para sua humildade em pedir permissão para a continuidade de sua fala.

Nessa guisa, Lukács (1978, p.14) aponta “três orientações evolutivas” ocorridas no “desenvolvimento econômico” da sociedade; 1) Em primeiro lugar, a crescente tendência de diminuir o tempo socialmente produtivo; 2) Em segundo lugar, que esse processo se torna cada vez mais social; 3) Em terceiro lugar, o desenvolvimento econômico agrava os conflitos e contradições sociais.

Em todos esses casos, estamos diante de tendências importantes, decisivas, da transformação tanto externa quanto interna do ser social, através das quais esse último chega à forma que lhe é própria; ou seja, o homem deixa a condição de ser natural para tornar-se pessoa humana, transforma-se de espécie animal que alcançou um certo grau de desenvolvimento relativamente elevado em gênero humano, em humanidade. Tudo isso é o produto das séries causais que surgem no conjunto da sociedade. O processo em si não tem uma finalidade. Seu desenvolvimento no sentido de níveis superiores, por isso, contém a ativação de contradições de tipo cada vez mais elevado, cada vez mais fundamental. (LUKÁCS, 1978, p.15)

Nas elaborações deste processo de progresso e conflitos, Lukács retoma a relação do orgânico e social, explicitando que a espécie humana só pode se elevar ao gênero humano pelo processo que torna, simultaneamente a sociedade mais social. Dessa forma, o autor chega ao ápice de suas elaborações neste vigoroso texto, afirmando que ao compreender o ser humano como

“simultaneamente produtor e produto da sociedade, realiza em seu ser-homem algo mais elevado que ser simplesmente exemplar de um gênero abstrato”, se elevando ontologicamente a um ser social, que é “síntese ontológico-social de sua singularidade, convertida em individualidade, com o gênero humano, convertido neles, por sua vez, em algo consciente de si.” (LUKÁCS, 1978, p.15).

No tópico 4, o autor apresenta a antítese de seu texto, pois apesar do homem produzir e fazer história, ela faz sob circunstâncias objetivas, causais. Portanto, o desenvolvimento pleno do ser social só ocorrerá no reino da liberdade, que não pode ser separado do reino da necessidade. Portanto, para Lukács (1978, p.16) “Expressa-se aqui a unidade - contida de modo contraditoriamente indissolúvel no ser social - entre liberdade e necessidade” ao mesmo tempo que “ela já opera no trabalho como unidade indissolúvelmente contraditória das decisões teleológicas entre alternativas com as premissas e consequências ineliminavelmente vinculadas por uma relação causal”.

Em suas conclusões, Lukács (1978) evidencia sua síntese, ressaltando que apesar das condições objetivas histórica a elevação da adequação ao gênero jamais desaparece completamente da ordem do dia da história, e essa condição de elevação do gênero humano possibilitará criar caminhos.

criar as condições materiais necessárias e um campo de possibilidades para o livre emprego de si. Ambas as coisas são produtos da atividade humana. A primeira, porém, é fruto de um desenvolvimento necessário, enquanto a segunda resulta de uma utilização correta, humana, do que foi produzido necessariamente. A própria liberdade não pode ser simplesmente um produto necessário de um desenvolvimento inelutável, ainda que todas as premissas de sua explicitação encontrem nesse desenvolvimento - e somente nele - suas possibilidades de existência (LUKÁCS, 1978, p.18)

Nessa esteira, Lukács (1978) nos mostra que a liberdade será obra do próprio trabalhador, e a elevação do ser social possibilita condições para essa busca. Para o autor na consciência do indivíduo humanizado, expressa-se uma unidade entre personalidade e sociedade de tal modo que o gênero humano proporciona condições de desenvolvimento, mesmo em meio à crises, onde o ser toma o gênero para si. Esta elaboração, em particular, motivou o título desta resenha pois hoje, diante do obscurantismo que assombra todo o mundo, Lukács deve estar presente para fortalecer e instrumentalizar à classe trabalhadora!

O manuscrito, aqui resenhado, representa uma síntese do trabalho ontológico de Lukács, além de ser um dos poucos textos relativos a este trabalho que o próprio autor revisou para publicação. Este texto apresenta uma potência intelectual e categorias Lukácsianas embrionárias, que possibilitam uma maior compreensão da obra do autor. Acreditamos que esta resenha pode incitar a curiosidade

de leitores iniciantes, sedentos pelo conhecimento, e de leitores experientes que não devem esquecer os manuscritos iniciais dos grandes autores.